

LICÇÃO Nº 7 – A OBRA DO FILHO

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 14/02/2026.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Fp 2.9

Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Filipenses 2.5-11; Hebreus 9.24-28.

Filipenses 2

5 De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus,

- De sorte que haja em vós o mesmo sentimento (5) é, literalmente, “pensai [*phroneite*] nisto em vós mesmos”. “Pensar” também é usado em 1.7 e 2.2 (ali traduzido por “sentir”; e “sintais”, “sentindo”). Porém, como explicamos nos comentários desses versículos, conota mais que mero pensamento. Refere-se primariamente à disposição de ânimo, atitude, estado de espírito. A palavra houve na frase o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus não ocorre no texto original. Talvez “há” seja melhor. Moffatt traduz o versículo assim: “Tratai uns aos outros com o mesmo espírito à medida que vós experimentais em Cristo Jesus”. Também foi traduzido assim: “Tende esta mente em vossa comunidade, que é também a que tendes em Cristo Jesus”. Este modo de traduzir a frase é consistente com a ordem para os crentes filipenses operarem a própria salvação (12). Também serve de exortação legítima contra a separação errônea que certos cristãos professos fazem entre a vida religiosa e os relacionamentos com as pessoas. Aqui se mostra a absoluta impossibilidade de amar Deus sem, ao mesmo tempo, amar os semelhantes.

6 que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.

- Os gregos tinham duas palavras para referir-se a forma (6). Uma referia-se à mera aparência externa, como quando uma miragem toma a forma de água. Neste caso, não há verdadeira equivalência entre a aparência e o que se afigura que é. A outra palavra grega denota que a aparência do objeto é a verdadeira revelação ou expressão do próprio objeto. Quer dizer, a forma participa da realidade; assim a realidade se revela na forma. É a segunda palavra grega (*morphe*) que Paulo emprega aqui: Que, sendo em forma de Deus (cf. Mc 16.12). Cristo é o *morphe theou*, ou seja, a verdadeira e plena expressão ou revelação de Deus. Esta revelação não pode ser explicada por categoria humana. E totalmente inexplicável à parte da afirmação de que a fonte absoluta da revelação é o próprio Deus. Portanto, Paulo fala de Cristo Jesus como sendo ou “subsistindo” (*huparchon* [cf. RA]) em forma de Deus — e não que Cristo Jesus “é” (*einai*) na forma de Deus. Em outras palavras, aquilo que se revelou, ou seja, Deus, é antes da própria revelação. Mas a revelação, Cristo, que é o revelador, é um com Deus, que é o revelado. Por ser assim, a revelação de

Deus em Cristo é verdadeira. Por conseguinte, Paulo está proclamando de modo querigmático e didático o que a igreja sustentava teologicamente — que Deus e Cristo Jesus são homoousias, “de uma substância”.

- Não teve por usurpação ser igual a Deus (6). O termo grego harpagmon (usurpação) é derivado do verbo que significa “arrebatar”, “agarrar” ou “pegar violentamente”. Daí esta tradução da frase: “Não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se” (NVI; cf. BV, CH). Pelo visto, “ser igual” não se refere tanto à natureza quanto à relação.¹⁶ Há base racional para presumir que Cristo, sendo a revelação de Deus, teria exigido seus direitos de ser reconhecido como igual a Deus. Mas, contrário à acusação dos seus inimigos (Jo 5.17,18), foi precisamente isso que ele recusou fazer — insistir nos seus direitos (cf. B J) ou usurpar o lugar de Deus. Ele recusou buscar enriquecimento próprio ou auto-satisfação. E possível que Paulo tivesse em mente o contraste entre o primeiro Adão, que egoisticamente desejou ser “como Deus” (Gn 3.5), e Cristo, o segundo Adão, que altruisticamente atentou “para o que é dos outros” (4).

7 Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;

- Aniquilou-se a si mesmo (7) é, literalmente, “esvaziou-se” (cf. AEC, BAB, NVI, RA). Esta é a famosa passagem do “kenose” (neauton ekenosen). Bruce observou que a “diversidade de opiniões que prevalece entre os intérpretes a respeito do significado desta passagem é suficiente para deixar o estudante desorientado e atormentá-lo com paralisia intelectual”. Neste caso, a situação prática indica o princípio de que a interpretação mais simples é a melhor. E desnecessário perguntar, como muitos o fazem: Cristo esvaziou-se de quê? De sua deidade? De sua natureza? De suas prerrogativas divinas? De ser igual a Deus? Paulo simplesmente diz que Cristo se esvaziou. O verbo grego kenoun significa “despejar”, sendo o próprio Cristo o objeto. Cristo se esvaziou de si mesmo. Em nenhum momento ele permitiu que considerações egoístas dominassem sua vida imaculada. Certos expositores comparam os versículos 7 e 8 com Isaías 53.12, que diz: “Ele [...] derramou a sua alma na morte”. Esta comparação é particularmente surpreendente, levando em conta a referência no versículo 8 à morte e a afirmação tomando a forma de servo (7), que é, literalmente, “tendo tomado a forma de escravo”. Tomando (labon) é um particípio aoristo, que indica ação simultânea. A conclusão é que subsistir na forma (morphe) de Deus e ter tomado a forma (morphe) de escravo são ações simultâneas e não incompatíveis. A última é a revelação da primeira, e a primeira é a explicação da última. A humanidade de Cristo não era fingimento. Ao assumir a forma de servo ele revelou o verdadeiro significado de servir. Ele não se tornou escravo de um homem — embora seu serviço fosse expresso a homens individualmente (Lc 22.27) —, mas foi o servo da humanidade.

- Fazendo-se semelhante aos homens (7) pode ser traduzido por “ele se tornou tgenomenos] como os homens” (plural; cf. BV, NTLH). A referência é à humanidade de Jesus, que teve um começo no tempo e deve ser considerada no sentido de Gálatas 4.4: “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (cf. tb. Rm 8.3). Donald Baillie foi discendente ao destacar: “A igreja nunca ensinou que o elemento humano em Jesus, sua humanidade, é consubstancial ou co-eterno com Deus, mas que é consubstancial conosco e pertence à ordem das coisas criadas”. O termo grego *homoiomati* (semelhança) não dá margem a considerarmos algo menos que homem. A humanidade de Cristo não era mera máscara ou disfarce. Ele era “realmente como os homens, da mesma forma que era verdadeiramente homem”; mas “era também mais que homem, diferente dos homens, sem cujo fato não seria semelhança, mas mera identidade”. Jesus Cristo era verdadeiramente homem, mas nele e por ele veio a revelação de Deus. Isto o torna único e distinto do homem — ele é “verdadeiramente

homem e verdadeiramente Deus”. O único modo de Paulo expressar esta verdade é falar da semelhança de Jesus com os homens.

8 e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

- Forma (8, schema) denota o modo em que Cristo se mostrou aos olhos humanos. Barth traduz assim: “Sendo achado em seu ser como homem”. Os contemporâneos de Jesus o viam como outro homem, sujeito às necessidades e sofrimentos humanos (Hb 4.15). Compare com Isaías 53.2: “Não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos”. Foi necessário um milagre divino para vermos Deus neste Servo. Fé que ele é a revelação plena e verdadeira de Deus não vem “do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus” (Jo 1.13). A confissão que ele é o Cristo surge pela revelação do “Pai, que está nos céus” (Mt 16.16,17). Paulo diz em outras palavras: “E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3). Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte (8).

- O texto não declara explicitamente a quem foi prestada obediência. A frase até à morte significa “até à importância da morte”. Contudo, Cristo se sujeitou à morte “para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2.14,15). Devemos enfatizar que os atos de Cristo de auto humilhação e obediência até à morte foram voluntários — de si mesmo ele depôs a vida (Jo 10.17,18) —, ao mesmo tempo que tais atos estavam de acordo com a vontade do Pai. A morte de cruz fala do clímax da humilhação própria de Cristo, pois era a maneira mais infame de morte conhecida nos dias de Paulo. A lei de Moisés proferira uma maldição contra ela (Dt 21.23), e os gentios a reservavam para seus mais odiados inimigos e criminosos comuns. Assim, associada à cruz estava a vergonha mais intensa (Hb 12.2). Mas por sua obediência até à morte e morte de cruz, Cristo “aboluiu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (1 Tm 1.10). Por conseguinte, “a cruz de Cristo se tornou sua coroa de glória”(cf. Rm 5.19).

9 Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome,

- Pelo que (dio), ou por causa da sua obediência, também Deus o exaltou soberanamente (9). Jesus não só ensinou que a exaltação vem depois da auto-humilhação; ele também a demonstrou (cf. Mt 23.12; Lc 14.11; 18.14). A exaltação de Cristo inclui sua ressurreição e ascensão. E lhe deu um nome pode significar “e lhe concedeu livremente um nome”. Alguns manuscritos têm “o nome” (com o artigo definido; cf. BJ, CH, NTLH, NVI, RA), distinguindo-o nitidamente de todos os outros nomes (Ef 1.20,21). Lightfoot entende que não se refere ao nome Jesus, pois muitos tinham esse nome. Se tem em vista um nome particular, é provavelmente “Senhor” (cf. 11; cf. tb. At 2.26). Nos dias de Paulo, os soldados faziam o juramento em nome de César, denotando a autoridade de César. De modo semelhante, o novo nome de Jesus, ou seja, “Senhor”, denota sua soberania absoluta.

10 para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra,

11 e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

- Para que ao nome de Jesus (10; cf. Is 45.23) é mais bem traduzido por “para que no nome de Jesus”, ou conforme Moffatt: “Para que diante do nome de Jesus” (cf. CH). O significado do versículo talvez seja que os homens devam fazer todas as suas orações neste nome (cf. Jo 14.13,14; At 3.6; Ef 2.18; 3.14; 5.20). A alusão a coisas ou seres (cf. NTLH) nos céus, na terra e debaixo da terra, abrange indubitavelmente a totalidade da criação (cf. Rm 8.22; 1 Co 15.24-28; Ef 1.20-22). Todas as coisas, animadas e inanimadas, não podem se esquivar ou negar o senhorio de Cristo Jesus. Pelo visto, a parte final da frase: E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor (11), era o mais antigo credo da igreja (cf. Rm 10.9; 1 Co 12.3; 8.6). Confesse encerra a ideia de ação de graças ou gratidão alegre (cf. Mt 11.25; Lc 10.21).³³ Por leitura alternativa de uma letra, apoiada por alguns manuscritos, o termo grego exomologesetai pode ser traduzido por “confessará” (CH), tornando a frase uma declaração profética.

- Neste caso, o significado seria que, ainda que nem todos aceitem hoje pessoalmente o senhorio de Cristo, no dia final, por ser ele o Juiz, eles não poderão negar que ele também é Senhor, para glória de Deus Pai (cf. Ap 5.13). Assim, a auto rendição de Cristo continua até mesmo na sua exaltação (cf. 1 Co 15.28). De acordo com Paulo, Jesus é o Servo que se tornou o Senhor. A aplicação prática que o apóstolo tem em mente para os crentes filipenses se expressa nas palavras de Jesus: “Qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo” (Mt 20.27).

Hebreus 9

24 Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus;

- Os sumos sacerdotes levíticos entravam no santuário (a KJV traz “lugares santos”, ou seja, os dois santuários do Tabernáculo) feito por mãos, com o propósito de servir em seu ofício mediador como representantes humanos diante de Deus. Mas este Tabernáculo era apenas uma figura do verdadeiro, “a contraparte da realidade” (Moffatt). A realidade era o próprio trono de Deus. Aqui Cristo entrou no mesmo céu. Isto não é somente uma esfera espiritual ou uma dimensão, mas um lugar definitivo, o assento da administração divina. Foi lá que Cristo nos representou e continua a fazê-lo: para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus.

- A palavra face ou semblante (prosopo) traz a noção de que este lugar de representação não é meramente a presença de Deus no sentido de onipresença, ou por meio do Espírito Santo, ou como uma glória especial no Templo, mas a presença máxima e perfeita de Deus como um Indivíduo e como o Governante universal. Se isto parece localizar ou “antropomorfizar” a Deus, nada podemos fazer. Embora a realidade frustre as nossas mentes finitas, só podemos pensar nas categorias que a Mente Divina nos proveu. O tempo aoristo de emphanisthenai, comparecer, não sugere a intercessão perpétua de Cristo (como em 7.25, onde o verbo está no tempo presente contínuo), mas sua representação oficial como o ápice da sua obra expiatória. Green traz: “apresentar-se”. Tendo acabado a fase terrena da missão, Ele apresentou-se ao Pai como Filho do Homem. Na terra, Ele foi o Representante de Deus para o homem; agora Ele volta como Representante do homem diante de Deus, com cinco feridas descobertas como credenciais. O que o sumo sacerdote fazia na sombra do Santo dos Santos, Jesus fez em essência por nós no céu. E Ele foi aceito. E ao aceitar a Cristo, o Pai nos aceitou.

25 nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário com sangue alheio.

- O contraste não é somente entre céu e terra — a realidade e a sombra — mas entre o caráter conclusivo daquele único sacrifício no novo concerto e o caráter não conclusivo dos muitos sacrifícios no antigo. Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes (25) amplia o pensamento do versículo anterior ao afirmar que esta autorrepresentação crucial diante do Pai não precisa ser repetida, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário [terreno] com sangue alheio. Se o ato mediador do nosso Senhor não era mais conclusivo do que o modelo levítico, então seria necessário padecer muitas vezes desde a fundação do mundo (26). Se a eficácia salvadora do seu ato propiciatório fosse local, superficial ou temporária, então seriam necessários atos repetitivos. A suposição extraordinária é expressa para mostrar o problema incrível que qualquer tentativa de diminuir o valor da obra do nosso Senhor iria criar. Se Ele não fosse absolutamente singular como pessoa, como Sacerdote e como Oferta, e completamente diferente da ordem levítica, seria necessário que Ele morresse repetidas vezes, por mais impensável que isso possa parecer. Mas, agora (este agora é paralelo com o “agora” do versículo 24), na consumação dos séculos, uma vez — ou “uma vez por todas no fim dos tempos” (NVI) — se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo (26).

- Enquanto a palavra “comparecer” no versículo 24 se refere à auto-apresentação de Cristo no céu, a palavra manifestou aqui se origina de phanerao, “tornar manifesto”, e refere-se à sua “automanifestação” na terra. Ele revelou-se ao homem como um Homem para um propósito: para aniquilar o pecado. No original, não encontramos um verbo, mas um substantivo, athetsin, “anulação, ab-rogação, invalidação”; literalmente “para a invalidação do pecado”. Pecado é aqui usado no sentido de culpa. O direito do pecado sobre nós pode ser cancelado; o objetivo da missão de Cristo era tornar isto possível. Esta realização é precisamente a base da graça precedente, porque esta é uma bênção racial. “O sacrifício de Cristo lidou com o pecado como um princípio; os sacrifícios levíticos tratavam de transgressões individuais.

- Cristo cumpriu sua obra pelo sacrifício de si mesmo, ou “mediante” (dia com genitivo, “por meio”). Aqui o sacrifício e a ministração tornam-se um. Os sacerdotes levíticos tinham somente o sangue alheio (25). Jesus negociou a expiação com o seu próprio sangue. Os sacerdotes levíticos lutavam pela vida; Ele submeteu-se à morte; tamanho era o seu amor por nós. Isto o coloca à parte para sempre de todos os sacerdócios inferiores. O valor infinito da sua pessoa divina em conjunto com o sacrifício supremo da oferta de si mesmo produzem um potencial redentor absolutamente inesgotável.

26 Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.

27 E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo,

28 assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação.

- O peso da ênfase neste parágrafo está nas palavras uma vez (hapax). Cristo apareceu somente “uma vez” com o propósito de realizar a expiação (v. 26). Somente uma vez o homem está ordenado a morrer, seguindo o juízo (27). Se o autor tinha a intenção de ressaltar a morte como o destino inevitável de cada homem, as palavras uma vez seriam supérfluas; além disso, nós teríamos sido compelidos a indagar a respeito das exceções, como no arrebatamento (sugerido no versículo seguinte). Há, em vez disso, mais um ponto de comparação aqui: assim também Cristo, oferecendo-

se uma vez por todas, para tirar os pecados de muitos (28). Quando Cristo se ofereceu para morrer pelos pecados, este ato foi definitivo e único, não somente com base na sua suficiência qualitativa mas com base na Encarnação. Se o homem pecador é sentenciado somente a uma morte terrena, então somente uma morte deveria ser requerida do Homem Salvador.

- Esta comparação está baseada no correlato assim (houtos). Encontramos mais um contraste de grande impacto nesta comparação. Os homens que morrem sem Cristo somente aguardam o juízo; mas agora que o ato da expiação foi realizado, e que nunca mais precisa ser renovado, aqueles que escolhem crer podem esperar um futuro brilhante além do túmulo. A próxima ação de Cristo será a reunião daqueles que seu sangue redimiui: aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação. Três vezes neste parágrafo (w. 24-28) encontramos três palavras distintas (também no grego) relacionadas à sua aparição: “comparecer”, no v. 24, “se manifestou”, no v. 26 e “aparecerá”, no v. 28 da ARC). Aqui no versículo 28, encontramos o futuro passivo de horao, “ver”; o passivo é “ser visto”, revelar-se a si mesmo (Lc 1.11; At 2.3) e certamente inclui a idéia de uma aparição visível (cf. At 1.11). Esta segunda vinda de Cristo será sem pecado. Sua vinda futura não acrescentará nada mais ao Calvário; não oferecerá mais um degrau à possível salvação do pecado. Se queremos ver a salvação completa do pecado devemos olhar para trás, não para frente, porque o pecado não ocorre no ambiente físico nem em corpos físicos mas no coração do homem. A salvação prometida, que precisa esperar o retorno do nosso Senhor, não é do pecado no coração do crente. Ela é do pecado terreno e suas conseqüências físicas — a maldição, as manchas, as influências sedutoras, o gemer desta criação escravizada — e da contingência probatória da nossa peregrinação terrena (Rm 8.10-25). A santidade pode ser nossa agora, e a segurança incondicional e eterna virá em seguida. Esta será a etapa final do grande programa de redenção (At 3.19-21; Rm 13.11; 2 Pe 3.10-14).

- Mas a salvação final é para uma classe especial: aos que o esperam para a salvação. O tempo presente do verbo²⁶ sugere que a prontidão instantânea é evidenciada por uma expectativa constante. Não há encolhimento ou medo, mas confiança e alegria silenciosa. Para os cristãos este é o acontecimento futuro supremo, e sua perspectiva gloriosa ofusca todo o resto. Eles nunca conseguem ficar à vontade em um mundo com um Senhor ausente. Não fica claro então que aqueles que se acomodam confortavelmente nesta era presente, como se fossem ficar por muito tempo e esquecem seu destino e seu Rei vindouro, não estarão entre os receptores da grande salvação? Possivelmente, esta cláusula restritiva irradia luz sobre os muitos cuja culpa é tirada. Embora a culpa racial possa ser tirada no sentido de que a graça precedente está operante, os pecados reais são tirados somente dos muitos, daqueles cuja paixão está voltada para as coisas “de cima” e que continuam aguardando a volta do seu Senhor

Referências bibliográficas:

- BAPTISTA, Douglas. **A Santíssima Trindade — O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- BAPTISTA, Douglas. **Lições Bíblicas: A Santíssima Trindade — O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**. 4. ed. Rio de

Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A Obra do Filho**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A Obra do Filho**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **A Obra do Filho**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A Obra do Filho**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.